

AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO E DA ARTE-EDUCAÇÃO PARA A HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO DO SER

Jéssica Dondoefer*
Marilei Teresinha Dal'Vesco**
Marli Ferreira Wandscheer***
Marlene Zenaide Friedrich****

Resumo

A humanização e sensibilização do ser humano é indispensável para a vida. Atualmente, o ser humano vem perdendo a sensibilidade e humanidade de que é dotado, por inúmeros fatores, incluindo a modernidade, na qual se considera o ágil, o prático, entre outros, em vez do prazer e qualidade de vida, por exemplo. Essa desumanização e falta de sensibilidade que permeia o viver humano promove dor e sofrimento, comprometendo a vida de várias formas. Perde-se o apreço aos valores humanos e à própria vida humana. Assim, é fundamental que haja um mobilizar e modificar em relação a essa perda de sensibilidade e humanização, e a educação, principalmente em artes, pode ser uma possibilidade de engrandecimento da sensibilidade e humanização do ser, resgatando valores humanos, sensibilidade e humanização. Nessa perspectiva, desenvolveu-se a aplicação de um plano de intervenção na Educação Infantil, com a temática *Pin-tando, desenhando, modelando e confeccionando valores humanos* com a qual objetivou-se vivenciar atividades que permitam sentir e simbolizar emoções, exteriorizando valores humanos pela arte e contando com a experimentação de materiais e linguagens artísticas variadas. Uma das atividades desenvolvidas focou no valor humano da família, desafiando os alunos a confeccionarem uma simbolização de seus avós, por bonecos de pano, em que puderam materializar memórias e ensinamentos que tiveram com eles, buscando ressaltar o valor da família para a humanização e sensibilização do ser. E, por fim, com a pesquisa, evidenciou-se que a arte contribui para a formação humana do aluno e o torna capaz de despertar para os valores humanos.

Palavras-chave: Educação. Arte-educação. Sensibilização. Humanização. Valores humanos.

1 INTRODUÇÃO

Com a pesquisa que resultou no presente artigo, buscou-se conhecer como a arte pode instigar nos alunos uma postura mais sensível e humana, auxiliando na construção e/ou preservação de valores humanos imprescindíveis à vida, incluindo o valor da família, o qual é fundamental. Nessa perspectiva, delineou-se o seguinte tema de pesquisa *A arte como possibilidade instigadora da humanização e sensibilização humana: um entrelaçamento com os valores humanos*.

O problema que orientou o estudo indaga como a arte pode contribuir para a formação humana dos alunos do Centro de Educação Infantil Criança Feliz e torná-los capazes de se relacionar com a arte de modo que seja possível despertá-los para os valores humanos.

Traz-se, no decorrer do trabalho, alguns autores que versam sobre os assuntos tratados, incluindo o ensino das artes na Educação Infantil e em como esta pode vir a contribuir para a humanização e sensibilização dos alunos, entrelaçando valores humanos. É importante salientar que a pesquisa ocorreu na prática, possibilitando a aproximação ao contexto e à realidade dos alunos do Centro de Educação Infantil Criança Feliz, no Município de Cunha Porã, SC, a partir da observação e, posteriormente, por meio de intervenção, visou-se perceber, analisar e aplicar aulas para compre-

* Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; jessicadondoefer@hotmail.com

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; graduada em Pedagogia Séries Iniciais e Ensino Médio pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

*** Mestre em Ciências da Linguagem Linguagem e Tecnologia da Informação, pela Universidade do Sul de Santa Catarina; Especialista em Psicologia Transpessoal pela Universidade Par La Paz; Coordenadora geral dos NDEs dos cursos de Artes Visuais da Universidade do Oeste de Santa Catarina

**** Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; marlenefriedrich@yahoo.com.br

ender como o ensino pela arte, o relacionamento, o respeito entre as pessoas e o entrelaçamento dos valores humanos, incluindo o valor da família, acontecem.

Dessa forma, investigou-se como a educação e a arte podem contribuir para uma formação mais humana dos alunos e torná-los capazes de se relacionarem com o mundo de maneira perceptiva, sensível e criativa. As propostas da intervenção foram pensadas e realizadas de forma que os alunos tivessem a oportunidade de ter contato, conhecer e experimentar variadas linguagens artísticas. As atividades permitiram o desenvolvimento de sua sensibilidade e humanização, entrelaçando e fortalecendo valores humanos.

O valor humano enfatizado no decorrer da pesquisa foi o valor da família, focando no espaço que os avós ocupam dentro desta. Para tanto, foi realizada a confecção de um boneco de pano simbolizando os avós, a partir de seus ensinamentos e do contato e memórias que as crianças têm em relação com eles.

2 A ARTE-EDUCAÇÃO NA HUMANIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO DO SER

As incumbências atribuídas à educação são inúmeras, segundo Morin (2005, p. 39), “[...] a educação deve promover a ‘inteligência geral’ apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global [...]”, ou seja, ela “[...] deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral.” Segundo o autor, esse é um processo que se faz necessário promover no estudante, a integralidade, permitindo que ele seja capaz de estabelecer uma relação com o mundo e associá-lo como parte de si próprio e a si próprio como parte do mundo.

Mas, para que o conhecimento seja construído apto a referir-se ao complexo contexto global, promovendo a “inteligência geral”, Morin (2005, p. 39) afirma que ao “[...] mobilizar o que o conhecedor sabe sobre o mundo”, é indispensável que as experiências e vivências dos alunos façam parte de todo aprendizado que eles virão a construir, considerando o que eles já sabem e compreendem, para, então, aprimorar e engrandecer os saberes.

Strieder (2002, p. 197) afirma que tanto na condição de seres humanos quanto na condição de educadores, necessitamos nos preocupar e nos importar com a educação, pois ela “[...] tem o compromisso de ser criadora de acessos para a construção de campos de sentido em favor da defesa da vida.” Nessa perspectiva, Gallo (2000, p. 18) alertam que na condição de educadores não podemos:

[...] passar a fazer parte do sistema educacional vigente, tornar-se mais uma engrenagem dessa máquina social, reproduzindo-a a todo instante em nossos fazeres cotidianos. A condição de não ser mais uma engrenagem é sermos capazes de decifrar os enigmas que a crise na educação nos apresenta, conseguindo superar esse momento de rupturas.

Os enigmas presentes na educação não são poucos, e a crise que se passa atualmente na educação é multifacetada. Um de seus aspectos diz respeito ao próprio conceito de educação e a como a escola se organiza para materializá-lo. Nesse contexto, Ferrazo, Gallo (2000, p. 18), nos incita a refletir “[...]a função da escola em nossos dias é instruir, ou seja, transmitir conhecimentos? Ou é educar, isto é, formar integralmente uma pessoa?”

Morin (2005, p. 47) afirma que educação deve estar [...] centrada na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. Desse modo, compreende-se a necessidade de humanizar o mundo, trabalhando a individualidade de cada um, a qual inevitável e necessária, mas também a vida em sociedade, que também o é.

Gallo (2000) alerta para a tarefa de criar nos alunos uma postura e uma personalidade com a qual eles sejam capazes de viver de maneira saudável na sociedade e suportar tudo aquilo que ela impõe, porém, devemos lembrar que essa não é uma incumbência única da escola e dos professores, pois, desde que nasce, a criança vai recebendo influências de diversos meios, principalmente da família, e essas influências vão contribuindo para a formação do caráter do aluno. Porém, já que a tarefa é conjunta, o professor pode contribuir para que essas posturas e esse caráter sejam formados de maneira produtiva, mas, como lembra Gallo (2000, p. 17), a postura e o caráter não são adquiridos “[...] por meio de discurso [...] não é com intermináveis aulas de ética, nas quais um professor apresenta e repete os preceitos morais da

sociedade, que o aluno conseguirá assumir, em sua vida, posturas moralmente corretas pautadas por esses preceitos.” Dessa forma, compreende-se que, de acordo com as relações que o aluno estabelece com o mundo e o mundo com ele, a partir dos exemplos que ele tem em seu entorno e conforme as experiências que vai tendo ao longo da vida, ele, o aluno, formará uma postura e uma personalidade próprias. Apenas discursos soltos jamais serão capazes de alcançar tamanho resultado.

Nesse sentido, para que possamos desfrutar de uma educação de qualidade no futuro, necessitamos, segundo Morin (2005, p. 48):

[...] promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes, [...]

Então, percebe-se o educar ao unir as ciências naturais e as humanas, fazendo a junção do todo com suas divisões, as quais a atual modernidade nos impôs, mostrando a relação que o todo tem com as partes, de modo que todos possam estabelecer essa compreensão, pois encontramos na educação atual inúmeras divisões, divisões de saberes, de disciplinas, de conhecimentos, que dão a entender que o próprio ser humano é um ser dividido, mesmo sendo este um grande equívoco. Para Morin (2005, p. 15):

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

As divisões se fazem presentes em diversos espaços, e um deles com o qual temos forte contato é a escola, na qual as ações educativas estão distribuídos de tal modo que se torna cada vez mais difícil para o aluno estabelecer a relação entre as partes e o todo. Morin (2005) ressalta que a especialização do ensino é uma forma de abstração no sentido que separa o todo em partes, roubando dos alunos a oportunidade de perceber que tudo está interligado.

Para Morin (2005, p. 40):

[...] as mentes formadas pelas disciplinas perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais. O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos).

E isso tudo contribui para que a sociedade e a escola caminhem para o lado oposto ao da humanização, desenvolvendo nos seres humanos a individualidade e o egocentrismo.

Morin (2008, p. 61) afirma que, em algum sentido, “[...] tudo é físico, mas, ao mesmo tempo, tudo é humano. O grande problema é, portanto, encontrar o difícil caminho da articulação entre as ciências que têm, cada uma, sua linguagem própria e conceitos fundamentais que não podem passar de uma linguagem à outra.”

Então, essa educação, que ao instrumentalizar e formar socialmente o aluno, tornando-o capaz de estabelecer relações entre o todo e as partes, possui incumbências cruciais pela frente. E, conforme Strieder (2002, p. 224), essa educação também precisa contribuir fortemente para o engrandecimento da sensibilidade humana, e pode parecer “bastante animador prever que caberá à educação um dos papéis determinantes na criação de sensibilidade social que se faz e se fará necessária para re-orientar e re-estimular a humanidade para vivências plenas e dignas para todos os humanos”, mas essa, com certeza, será uma tarefa árdua. Assim, a educação terá de se modificar de diversas formas a nós, seres humanos, para cumprir com as expectativas e responsabilidades que estão sendo derramadas sobre ela em relação a uma maior sensibilidade e humanização social.

Duarte Júnior (2001, p. 181) concorda que engrandecer a sensibilidade das pessoas, tornando-as mais humanas, pode ser o maior objetivo de todo o processo educacional, por mais especializado que este seja, talvez preze por “[...] uma educação do sensível, da sensibilidade inerente à vida humana.” E, ainda conforme Duarte Júnior (2001, p. 180-181), possuir maior sensibilidade significa apresentar “[...] menor anestesia perante e profusão de maravilhas que este mundo nos permite usufruir e saborear”; é ter uma vida “[...] mais plena, prazerosa e sabedora de suas capacidades e deveres face a consciência de nossa interligação com os outros e as demais espécies do planeta.” Dessa forma, ter sensibilidade é ver e sentir a vida e o mundo com outros olhos, um olhar menos superficial, mais minucioso e cuidadoso, que vê além daquilo que está explícito, é transcender, sentir tudo que pode e lembrar-se das interligações que temos com o mundo e com os demais seres do planeta.

E quando se é mais sensível, percebemos, conforme salienta Strieder (2002, p. 33), que somos “[...] seres sociais vivendo numa transação contínua de relacionamentos com outros seres humanos” e, dessa forma, uma convivência harmoniosa e saudável se faz indispensável para que a vida em conjunto, ou seja, em sociedade, seja possível.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que somos seres sociais, os quais necessitam viver em sociedade e estabelecer relações com aqueles que nos cercam, compartilhando saberes, vivências, experiências e aspirações, renovando-nos e evoluindo com aquilo que eles compartilham conosco. Porém, estabelecer relações saudáveis pode não ser uma tarefa tão simples, ainda mais relações construídas embasadas em conceitos de respeito, solidariedade e afetividade, as quais são fundamentais para a humanização do mundo.

E, para Morin (2005, p. 17), “[...] a compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, quer estranhos, é daqui para a frente vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão.” Dessa forma, o respeito com o próximo, a compaixão, a empatia e a abstenção de julgamentos são sentimentos que, cada vez mais, devem ser cultivados pela humanidade.

De acordo com Bauman (2009, p. 71), para tornar o mundo mais humano e um lugar melhor para se viver, “[...] você deve acreditar que o mundo à sua volta não é algo ‘dado’ e definitivo, que é possível transformá-lo e que você mesmo pode ser alterado ao se dedicar à tarefa de mudá-lo”, pois, se observarmos o contexto atual em que o mundo se encontra, segundo Duarte Júnior (2010, p. 31), concordaremos que “[...] nosso papel de educadores consiste em contrapor a tal estado de coisas o encantamento com as mais singelas maravilhas de que dispomos em torno de nós, refinando a sensibilidade fundamental de que nosso corpo é dotado.” Precisamos “[...] alcançar o sentido dos sentidos”, ver, sentir e desfrutar da vida como algo que merece total desfrute, apreciação e encantamento, como algo que tenha real sentido.

E quando Strieder (2002, p. 202) concorda que a educação para a humanização é imprescindível para uma maior qualidade de vida no mundo, também afirma que “[...] educar nessa ótica é ser educador parceiro desse educar, é transformar-se e transformar os aprendentes em caçadores de esperanças”, que acreditem fortemente na mudança e a busquem incansavelmente. Strieder (2002, p. 206) ressalta que “[...] para mudar a educação é preciso mudar algo na própria educação, é necessário desejar ser educador, gostar e desejar uma educação diferente”, assim, percebemos que ele concorda com as palavras de Assmann e Sung (2000 *apud* STRIEDER, 2002, p. 205), que declaram que “[...] dá prazer trabalhar com quem trabalha com prazer; ou te apaixonas pelo trabalho ou outros tomarão seu lugar; é direito dos alunos que vivas apaixonado(a) pela profissão”. Portanto, ao acreditar que a mudança é possível, luta-se por ela, de forma que ela possa, de fato, tornar-se real. Para tanto, primeiramente precisamos acreditar no nosso papel social perante essa mudança, acreditar e gostar de desenvolvê-lo, pois, assim, já teremos dado o primeiro passo a caminho de uma educação de maior qualidade.

Almejamos uma educação voltada à valorização plena do ser humano, que vá além de promover competências e habilidades que privilegiem apenas a lógica, mas que desenvolva a capacidade de percepção e sensibilidade, imprescindíveis para ler e sentir a realidade vivida.

Nesse sentido, questiona-se: qual o lugar da arte nesse contexto? Duarte Júnior (2012) aborda as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora o conhecimento pelo saber sensível.

[...] o pensar como conhecemos e ajudamos a construir a realidade na qual nos movemos, o que diz respeito basicamente ao sentido que damos à vida. Nesse embate entre o ser humano e as coisas ao redor – as quais são percebidas com as especializações e limitações de nossos órgãos dos sentidos – é que elaboramos um guia, um sentido, um mapa do mundo e da existência, e isto é justamente o

conhecimento que temos e que viemos acumulando e transmitindo desde as nossas origens enquanto espécie. (DUARTE JUNIOR, 2012, p. 363).

O saber sensível ocorre na medida em que o verbo saber tem a ver etimologicamente com saborear – por meio dos sentidos o mundo é saboreado, seus sons, cores, odores, texturas e sabores. Nesse sentido “[...] a arte nos ajuda a significar o mundo e a existência, iluminando e desvelando aspectos não plenamente acessíveis ao conhecimento inteligível.” (DUARTE JUNIOR, 2012, p. 363).

2.1 EXTERIORIZAR, MATERIALIZAR E SIMBOLIZAR MEMÓRIAS DOS AVÓS

Na perspectiva de investigação de como esse processo educativo em Arte ocorre na Educação Básica, trazemos a proposta de estudo estruturada a partir do Componente Curricular de Estágio Supervisionado III e Prática Investigativa em Artes Visuais II, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unoesc, *Campus* de São Miguel do Oeste, SC, com alunos da educação infantil.

Para tanto, elencou-se como principal objetivo a ser atingido o de que, os alunos vivenciassem atividades que permitissem simbolizar emoções, exteriorizando valores humanos por meio da arte e desfrutando da experimentação de materiais e linguagens artísticas variadas.

A infância é uma fase repleta de situações e vivências extremamente belas, as quais geram influências nas atitudes e posturas futuras dos indivíduos. E a arte nessa fase possui um papel importante. Para Nunes e Queiroz (s/d apud STORI, 2003, p. 80), ela é essencial na formação das crianças, “[...] pois promove a formação artística e estética, além de ampliar-lhes a consciência e as potencialidades, aprimorando a sua relação com o próprio meio.” Ela significa, para a criança, “[...] o meio com que ela se expressa, comunica o seu pensamento, sendo essa expressão única, muito individual, variando de acordo com cada [...] [criança] e sua referida idade.” E, nesse processo de se expressar, é fundamental que o adulto saiba respeitar a exteriorização de sentimentos, a espontaneidade e a autenticidade, materializadas nas representações e/ou criações de uma criança, e, ainda, que saiba conduzir esse processo, sem manipular ou impor algo.

Na educação infantil, a criança começa a entender como ocorrem as relações que ela estabelece com seu entorno, assim como começa a entender a diferença dos sentimentos e das emoções, que são geradas por meio das relações que estabelecemos. Essas relações que ela desfruta no convívio cotidianamente com os colegas e professores, por exemplo, vai fazendo com que crie posturas, desenvolva atitudes e, enfim, construa seu caráter; tudo isso faz com que ela vá se construindo também como um indivíduo que segue determinados princípios, conserva-se em certos valores e, conseqüentemente exterioriza-los ao longo da vida.

Mas é importante lembrar que a escola e os professores não são os únicos responsáveis por auxiliarem na interiorização de determinados princípios de vida nas crianças, para que, mais tarde, estes possam ser exteriorizados. Esses princípios de vida interiorizam-se de acordo com as influências que cada pessoa recebe em seu contexto familiar, educacional e social. Então, a escola, em conjunto com a família, bem como a sociedade em geral, pode oferecer oportunidades para a que a criança possa construir os valores humanos, incentivando e criando condições para que esses valores sejam exteriorizados, possibilitando usufruir de uma sociedade mais humana.

E, para Lowenfeld e Brittain (1970, p. 46), nas aulas de arte, a criança tem a possibilidade de desfrutar de uma verdadeira interação social; nessas aulas, o professor se afasta de seu papel de mediador, e a criança desfruta de “[...] uma oportunidade para o desenvolvimento social e uma percepção mais profunda de outrem”, o que permite um relacionamento com o próximo, bem como consigo mesma, baseado no compartilhamento e na prática efetiva dos valores humanos.

Dessa forma, partindo da preocupação com o espaço que a educação em arte ocupa dentro do contexto educacional, propôs-se o tema valores humanos, na busca de ressignificar laços familiares. Portanto, considerando que esses laços familiares constituem os valores humanos, sendo fundamentais para a humanidade e para a humanização dos seres humanos, buscou-se entrelaçá-los com questões de humanização e sensibilidade, tendo como finalidade redimensioná-los pela arte na vida das crianças.

Para dialogarmos sobre os valores humanos no contexto da criança, destacamos o autor Duarte Júnior (2005, p. 51), o qual nos esclarece que a cultura de modo geral é a grande responsável por construir valores humanos nos in-

divíduos, “[...] é nela que nos tornamos humanos, que aprendemos a organizar e construir o mundo, atribuindo-lhe significações”, porém, isso não impede, nem permite que a escola deixe de trabalhar esses valores.

Buoro (1998, p. 33) afirma que, visto que uma das finalidades “[...] da Arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade”, esses momentos podem ser possibilidades educativas para as aulas de artes, bem como das demais disciplinas. Para Stori (2003, p. 55):

O trabalho artístico que uma criança elabora é a expressão da criança total. Mesmo quando está completamente absorta no processo de laboração do trabalho, este terá uma verdadeira profundidade de sentimentos; outras vezes, ela simplesmente explora um novo material, mas, até nesse caso, seu trabalho mostrará a vontade ou hesitação [...] [da criança] na abordagem de uma nova tarefa.

Dessa forma, enfatizando a essencialidade da família, principalmente no que se refere ao espaço dos avós dentro dela, propôs-se a experiencição de uma atividade artística, em forma de oficina, a qual contou com a oportunidade de conhecimento da história dos avós das crianças, suas crenças, costumes, entre outras coisas.

Para tanto, iniciou-se a atividade questionando as crianças sobre quem é a sua família, seus pais, tios e tias, e porque fazem parte da família, se existe outro tipo de família que não necessita ser de nosso sangue, como os amigos, e se os avós fazem, realmente, parte de nossas famílias; os alunos responderam afirmativamente a todas as perguntas. Começou-se, assim, a focar mais no espaço que o vovô e a vovô ocupam no contexto familiar; questionou-se se os alunos conheciam seus avós, e eles afirmaram que sim. Então, foi perguntado a cada uma das crianças, como eram os nomes do vovô e da vovó, mas alguns não lembraram no momento. Prosseguindo com o diálogo, relataram onde seus avós moravam, contaram, também, o quanto gostavam de passear na casa deles.

Então, continuando com a proposta, mostrou-se o livro com a história, *Os Guardados da Vovó*, de Nye Ribeiro, explicando que ela contava a história de dois vovozinhos, chamados Ivone e Milton.

A atividade de contação de histórias é, para Souza e Bernardino (2011, p 236):

[...] um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil [...] [pois] as narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

Compreende-se que os benefícios são inúmeros, e a contação de histórias pode ser uma possibilidade de uma prática frequente na escola e na vida dos alunos. Quando se finalizou a contação da história questionou-se sobre como era a família do vovô Milton, se era grande, pequena, quais eram as comidas gostosas que a vovó Ivone fazia, se a vovó ou o vovô gostavam de levantar cedo de manhã, quais eram as manias da vovó, o que ela costumava guardar, se o vovô também guardava coisas, como era antigamente, se o vovô e a vovó podiam namorar, se eles se amavam, entre outras coisas.

A partir desses questionamentos, lembrou-se a turma que o vovô e a vovó da história do livro tinham muitas manias, costumes e hábitos, e que, na época deles, as coisas eram diferentes de hoje em dia.

Os alunos foram orientados a realizarem uma atividade bem simples, com auxílio do papai e da mamãe. Explicou-se a eles que esse tema se resumia a dialogar com os pais e a solicitar a eles coisas sobre o vovô ou a vovó, como, por exemplo, o que estes faziam atualmente, seus costumes, ensinamentos e crenças, como era a vida antigamente, se tinham fotografias dos avós, entre outras coisas que os pais achassem pertinente para contar e dar aos filhos, para que apresentassem aos colegas, no encontro seguinte, pois, assim, todos conheceriam a história do avô ou da avó da criança. E, para que os pais entendessem de forma mais clara a atividade dos filhos e pudessem ajudá-los melhor, foi enviado um bilhete explicando a atividade.

Os alunos foram questionados, iniciando-se por aqueles que trouxeram fotos, as quais, foram passadas pelos alunos para dar atenção e ouvir os relatos sobre seus avós, sobre qual era o nome do vovô ou da vovó que eles haviam escolhido para apresentar a história de maneira breve, relatando o que os avós faziam atualmente, o que gostavam de fazer, quais suas manias, o que gostam de fazer quando estão junto de seus netos, o que mais usam e gostam de vestir, etc. Porém, muitos queriam contar a história do vovô e da vovó, e não entenderam que deveriam escolher apenas um

para realizar a atividade, havia outros, ainda, que não sabiam o que o vovô ou a vovó fazia atualmente ou o que ele ou ela gostava de vestir.

Para Lowenfeld e Brittain (1970, p. 27), “[...] raramente, as crianças têm a oportunidade de compartilhar ideias e desenvolver atitudes sobre elas próprias e os outros” e isso pode vir a ser uma falha na educação que promovemos, pois essa exposição verbal é necessária e fundamental para o desenvolvimento integral do aluno.

A partir da apresentação dos alunos, encaminhou-se a atividade, que seria a confecção de um boneco de pano que representasse o vovô ou a vovó, conforme eles haviam escolhido. Nesse momento, as crianças que tinham escolhido o vovô trocaram pela vovó e vice-versa.

Esse processo de simbolização é, para Almeida (s/d apud FERREIRA, 2001, p. 20), “[...] uma capacidade humana que requer abstração e capacidade para transformar uma coisa em outra. Instigada a criar, a criança precisa ter ideias e descobrir como colocá-las em prática”. E foi dessa forma que se pensou na confecção dos bonecos pelos alunos, eles foram desafiados a construir uma representação do vovô ou da vovó por meio de um boneco de pano, precisaram transformar as memórias, ensinamentos, imagens e ideias que possuíam sobre seus avós e, de forma criativa, trazer isso presente em um boneco repleto de significados para si.

Iniciando o processo de simbolização, explicou-se que os bonecos, que já estavam semi-estruturados, deveriam possuir roupas, calçados, acessórios, cabelos, olhos, nariz e boca, tudo isso inspirado no vovô ou na vovó que cada um havia escolhido para representar. Explicou-se que deveríamos lembrar de quais modelos de roupa os avós de cada um mais gostavam de usar, as cores que achavam que mais combinavam com eles, para, assim, recortar os tecidos trazidos, formando as roupas para, posteriormente, serem coladas na estrutura de cada boneco.

Houve algumas limitações e dificuldades por parte de alguns alunos para recortar os tecidos e confeccionar as roupas mas, logo todos conseguiram, bem como elaborar os sapatos e acessórios dos bonecos. Quando chegou o momento de simbolizar os cabelos dos avós, escolheu-se a lã como material, e cada criança escolheu a cor da lã de acordo com a cor dos cabelos dos avós. O desenho dos rostos dos avós, foi feito por cada criança após ter finalizado as demais partes do boneco e, nesse processo de simbolizar a partir de memórias, ensinamentos e contato com os avós, percebeu-se a essencialidade da família como um significativo valor humano.

E, esse ato de compartilhar histórias e ensinamentos sobre os avós, construindo uma simbolização significativa para si, como ressaltam Silva e Gonçalves (s/d apud STORI, 2003, p. 63), inspirados nas ideias de Piaget e Vygotsky, é um ato essencial e necessário para a criança, o qual lhe proporciona grande prazer, pois nesse brincar, “[...] a criança incorpora o mundo que a rodeia a sua maneira, pois essa é uma atividade que lhe é muito agradável e que está integrada ao seu desenvolvimento intelectual”, ela “[...] envolve-se num mundo imaginativo e de ilusões, onde grande parte dos desejos não realizados pode concretizar-se.”

3 PERCEPÇÕES FINAIS

Com este trabalho, teve-se como principal objetivo compreender como a arte pode contribuir para a formação humana dos alunos e para as questões de humanização, sensibilidade e valores, para, a partir disso, desenvolver e aplicar um plano de intervenção, de modo que este permitisse a exteriorização de valores humanos pelos alunos por meio da arte.

Ao longo do trabalho, baseando-se em alguns autores, foi possível compreender quão grande é a importância da arte para a formação da criança, para o engrandecimento de sua sensibilidade e humanização; após a aplicação do plano de intervenção, o qual foi estruturado em um entrelaçamento com os valores humanos, tudo isso ficou ainda mais evidente. Durante a intervenção, pôde-se perceber que o contexto vivenciado pelas crianças preza, em todos os momentos, pelas boas relações e harmonia no ambiente como um todo e, da mesma forma como percebemos a essencialidade dessas relações saudáveis durante a pesquisa, pode-se afirmar que essas relações saudáveis são essenciais para que o indivíduo se desenvolva, sabendo respeitar seu próximo, sendo mais sensível ao mundo que o cerca e mais solidário, ou seja, de forma geral, mais humano. Nessa perspectiva, humanizar e sensibilizar se mostram de profunda relevância, ainda mais em um cotidiano no qual a sensibilidade dos seres humanos vem sendo perdida, pois essa humanização auxiliará na estruturação de um convívio mais saudável na escola/jardim e, conseqüentemente, na construção de um mundo mais humano fora dela.

Percebe-se também, que a arte é capaz de influenciar e contribuir para a humanização e sensibilização dos alunos, agindo em uma perspectiva instigadora, a qual desperta reflexões e críticas construtivas em todos aqueles que se dispõem a apreciá-la e deixar-se envolver. A arte, ainda, tem forte influência no que se refere ao reavivar valores humanos, bem como na exteriorização e desenvolvimento destes. Observou-se, no decorrer das discussões e reflexões, que, nesse sentido, o professor também desfruta de um papel fundamental, é ele quem pode e incentiva os alunos a expressarem suas emoções, suas visões de mundo, auxiliando-os a exteriorizar valores e tudo aquilo que vive em seu interior. É o professor que, a partir dessas expressões e exteriorizações dos alunos, pode propor reflexões e análises sobre questões pertinentes que fazem parte de nosso viver, fazendo com que observem, analisem e transformem positivamente o seu entorno. É indiscutível que os valores humanos são essenciais à vida, fundamentais para o desenvolver de uma crescente sensibilidade e humanização, para transformar o modo de ver e pensar que muitos indivíduos apresentam sobre determinados conceitos e situações existentes e, para instigá-los a promover as mudanças necessárias na transformação de nosso mundo.

Assim, torna-se evidente que a arte pode ser uma possibilidade instigadora da humanização e sensibilização humana, por meio dela são desenvolvidos e aprimorados conceitos e posturas que instigam e estimulam nosso pensar. Ao possibilitar atividades artísticas que envolvam o sentir, o pensar criticamente, o criar, entre outras coisas, as quais transformam toda uma visão, arte se torna um modo de despertar e avivar valores humanos quando expressa sua preocupação com os mesmos, procurando despertar nas crianças atitudes que valorizem esses valores, exteriorizem-nos e os coloquem em prática.

Dessa forma, é importante suscitar, ainda, que tanto na arte quanto em qualquer outra área de estudos, é de extrema significação o ensinar com amor e dedicação, pois, nessa perspectiva, o educador estará sempre visando ao melhor para seus alunos, construindo conhecimentos significativos com eles e desenvolvendo valores e sensibilidade para que eles sejam seres mais humanos. Por fim, conclui-se que educar pela arte, por meio de atividades e posturas que considerem questões de humanização e de desenvolvimento crescente da sensibilidade nas pessoas, entrelaçando esse educar com os valores humanos, os quais são essenciais para a vida de todo ser humano, é uma prática necessária e de extrema imprescindibilidade nos dias atuais. Assim, é importante ressaltar que a presença dos valores humanos é necessária dentro das escolas, das estruturas familiares, do convívio diário com o próximo e em todos os demais espaços de nosso viver, para que, então, possamos usufruir, em um futuro próximo, de uma sociedade mais sensível, humanizada e que se atente à vitalidade e à importância dos valores humanos.

The interfaces of the education and of the art education to the humanization and awareness of the human being

Abstract

Humanization and awareness of the human being is essential for life. Currently, the human being is losing sensitivity and humanity he is endowed with, by numerous factors, including modernity, in which he considers himself agile, practical, among others, instead of pleasure, quality of life, for example. This dehumanization and lack of sensitivity that permeates human living promotes pain and suffering, committing their lives in various ways. The appreciation of human values and human life itself is lost. It is therefore crucial that there be a mobilization and change in relation to this loss of sensitivity and humanization, and education, especially in arts, may be a possibility of enhancement of sensitivity and humanization of the human being, rescuing human values, sensitivity and humanization. From this perspective, it was developed the application of an intervention plan in kindergarten, with the theme Painting, drawing, modeling and fashioning human values in order to experience activities that allow to feel and symbolize emotions, externalizing human values by art, counting on the experimentation of materials and varied artistic languages. One of the activities focused on the human value of the family, challenging students to create a symbolization of their grandparents, with rag dolls, in which they could materialize memories and teachings they had with them, seeking to emphasize the value of family for the humanization and awareness of the human being. And, finally, with the research, it became clear that art contributes to the human formation of the student and makes them capable of awakening to the human values.

Keywords: Education. Art education. Awareness. Humanization. Human values.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem de arte na escola. São Paulo: Cortez, 1998.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **A Montanha e o Videogame**: escritos sobre educação. Campinas: Papirus, 2010.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. Entrevista. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Itajaí, v. 12, n. 3, p. 362-367, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4039>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; MORIN, Edgar; GALLO, Sílvio. **O sentido da escola**. 5. ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- GALLO, Sílvio. **Transversalidade e educação**: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LOWENFELD, Viktor; BRITTAİN, Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criativa**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SOUZA, Linete Oliveira de. BERNARDINO, Andreza Dalla. A Contação de Histórias como estratégia Pedagógica na Educação infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação: Educare**, v. 6 n. 12, p.235-249, jul./dez. 2011.
- STORI, Norberto (Org.). **O Despertar da Sensibilidade na Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.
- STRIEDER, Roque. **Educação e humanização**: por uma vivência criativa. Florianópolis: Habitus, 2002.

